

A pedra d'Alvidrar, nas visinhanças do Collares.

Com grande satisfação apresentamos a estampa que representa com a maior fidelidade a famosa *Pedra d'Alvidrar*, que tamanha curiosidade inspira aos visitantes de Cintra e Collares.

Muitas pessoas que ainda não visitaram aquelle sitio imaginam que a *Pedra d'Alvidrar*, immensa penedia suspensa sobre abysmo, é inteiramente perpendicular sobre a medonha voragem do mar, e de todo lisa. O desenho exacto da nossa estampa, convencerá a todos da visivel inclinação que ella apresenta, bem como dos seus ressaltos. — Assim mesmo reconhecerão o quanto ha de temeridade e de arriscada ousadia nos infelizes habitantes da visinha povoação de Almoçageme, que descem e sobem a *Pedra de Alvidrar* com a maior ligeireza, a troco de uma mesquinha retribuição pecuniaria, que os visitantes lhes proporcionam. Se escapa um pé a algum daquelles desgraçados la vai fazer-se pedaços sobre os penedos da base, contra os quaes o irado mar lucta a todo o instante, envolto em temerosos rolos de espuma. Como sobem e descem pela penedia tão rapidamente inclinada os miseraveis gymnastas de nova especie? Firman-

do-se nos dedos grandes dos pés, e nos das mãos sem osentarem os calcanhares, não só os adultos, senão também crianças vão escorregando afoutamente pela penedia com a mesma afouteza, trepam depois. — Confessemos que o esforço da descida e subida da *Pedra d'Alvidrar* excita fortemente a imaginação, e tem o quer que seja de grandioso e imponente, no seu genero; mas não hesitemos também em declarar que esse espectáculo repugna á sensibilidade do espectador, que naquelle perigoso lance estremee de horror, ao receiar que n'um atomo se percam vidas de creaturas humanas!

Grato nos fora dizer agora duas palavras acerca das bellezas de Cintra e Collares; mas, ou já tem essas bellezas sido descriptas pelo modo por que a palavra humana as pode descrever (1) ou nos desviaria essa descripção do objecto especial da presente estampa. — No entanto recordaremos o que neste particular merece da gabosa poesia Byron e Garrett, divinamente inspirados. cantaram de um modo sublime esses esses encantos, e para sempre recommendaram á ad-

(1) *Cintra Pittoresca, etc; Novo guia do viajante em Lisboa, etc;*

miração do mundo os formosos sitios em que a natureza tanto se esmerou.

Lo! Cintra's glorious Edens intervenes  
etc.

O' de Cintra radiante paraiso,  
De mentes e de valles matisado,  
Que mão pôde guiar pincel e penna  
Para traçar o quanto alcança a vista  
Das scenas tuas que inda mais deslumbram  
Os olhos dos mortaes que essas, que o yate  
Descrevera, de assombro enchendo o mundo,  
Quando lhe abriu as portas dos Elysios!  
(Trad. ined. do dr. F. J. Pinheiro).

Bem lembrados são os versos de Garrett:

O' Cintra! ó saudosissimo retiro  
etc.

### QUERER E NÃO QUERER

Non é ver que sia la morte  
Il peggior de tutti il mali.  
METASTASIO.

#### I

O amor é uma emanção celeste, doce saborear da taça, onde se fundiram todos os gosos, e se reúne a existencia toda. O amor é o principio espiritual do mundo, o intermedio entre o mundo e o céo, o fim celestial da vida.

Sem amor, a vida fôra apenas uma cadêa de espinhos, o desalento sem conforto, o tormento sem bonança, firmamento sem estrellas, estrella sem ter luz. Sem amor a vida era um sopro, um escorregar no abysmo, um insulto a Deus. Sem amor a vida escoava-se por entre fragoas, perdendo em cada baque um alento, rasgando-se na queda sempre, e sempre crescendo em angustias. O amor é a inspiração do poeta, a flor da vida, o espirito da materia, o poema do coração. O amor é a historia de todas as épocas, a epopéa de todos os sentimentos, a chronica do mundo.

#### II

Alfredo e Maria encontraram-se, conheceram-se, fallaram-se e cada um, entregue a si mesmo, não antevia no futuro sequer uma sombra isentos de amor, o coração era-lhe um vacuo, onde não floria sequer uma esperança, nem adejava um desejo.

E ambos tinham em si o elemento da vida, ambos sentiam pulsar-lhe o coração, inundado de sensibilidade, e cerrado ao sentimento. Era uma vida vegetativa apenas, sem dores e sem prazer, sem alegria e sem tristeza.

Maria era morena; tinha o fogo peninsular radicado no peito, sentia o impulso arrastal-a para a vida, mas tinha o coração envolto em gelo.

Alfredo fervia-lhe o enthusiasmo no espirito, mas não se lhe reflectia nas palavras, sempre frias, sempre indifferentes.

Encontraram-se accidentalmente uma vez, era ao pôr do sol, naquella conjuncção em que o dia e a noite se trocam e se abraçam, naquella hora crepuscular em que a vida se dilata e comprime, se expande e contráe.

Riam ambos, com aquelle rir que se não sente, que não fere nem agrada; riam, e aquelle riso não era o interprete sequer de uma sensação remota. Era o rir indifferente, convencional, que um accidente externo provoca, mas que as faculdades sensitivas não percebem.

#### III

La crescendo a noite em trevas. Alfredo ergueu os olhos para Maria, leu-lhe naquelles olhos serenos uma dôr, tão conforme com a sua, que as parcellas dispersas do sentimento convergiram-lhe todos ao coração, e, sem o querer, sem o saber até, balbuciante:

— Maria, eu amo-a! disse elle.

A mulher ergueu os olhos, radiantes de fogo e luz, e de espanto.

— Conhece-me ha tanto tempo, e só hoje me diz? Que capricho foi esse em si?

— Admira-se? tambem eu. Fundira o coração e o sentimento, e recebera em troca a indifferença. Mas, confesso-lho, ha muito que a procuro, que a sigo, e julgava que só a curiosidade me levava a fazer. O coração diz-me que não era isso só. Enganei-me.

— Então, isso é um amor antigo, que se escondia e crescia, e hoje desabrocha viçoso e robusto?

— É.

— Não me zango por dizer-me isso, mas não o amo nem amo ninguem. Rasgaram-me o coração, levaram-me a sensibilidade. Amei, com delirio talvez; hoje tornei-me de gelo. Não era assim, fizeram-me.

— Não importa, amo-a, e não me queira mal por isso. Nunca lho tinha dito, é verdade, mas hoje não tive força, o coração atraçou-me, e eu fallei por elle.

Callou-se. Aquelle esforço cançara-o, mas as vibrações do coração sentiam-se-lhe. Tinha-lhe rebentado uma cratera no peito.

Depois, apertaram-se as mãos, e separaram-se.

Nessa noite, Maria sentio orvalharem-se-lhes os olhos, e o pensamento esvoaçou-lhe em sonhos.

#### IV

Inaugurára-se para ambos uma nova phase na vida. Maria, reservada, talvez, desconfiada mesmo, não deixava ao coração o seu livre impulso, escutava as expressões que o delirio inspira, e que só diz quem sente; mas não lhe prestava mais do que aquella attenção cortez que a delicadeza exige.

Mas o amor infiltrava-se-lhe na alma, suave e brando; aquelle gelo que lhe envolvia o coração ia-se resentindo do calor da vida.

É que ninguem se pôde esquivar a essa agradável sensação innata, que nos envolve e nos vence, e a que, máo grado, é forçoso ceder culto. O germen teem-no todos no coração, e o coração foi feito para sentir, e esses estupendos exemplos que se possam apresentar como typo, são simplesmente aberrações da especie, que exprimem um facto isolado, mas que não constituem regra. Acatam-se como exemplares extravagantes, como ab-urdos da natureza, que tem suas aberrações, mas que não pôde forçar as tendencias naturaes do genero humano.

Maria amava e precisava-o. Aquelle vasio que conservava no coração precisava enche-lo, e encheu-o.

Um dia, forçada por si mesma, não se pôde esquivar a ser a interprete dos seus sentimentos.

— Conseguiste o teu fim; amo-te, Alfredo.

— Tinha o acivinhado já, querida; sabia o de mais para que a duvida podesse sequer roçar-me a idéa.

E aquella epopéa de amor, aquelle viver inti-

mo do coração e pelo coração, começou para ambos, firmada pelo resvalar de um beijo, que se não pôde evitar.

A occasião é o escudo do amor, e quando duas almas que se amam se encontram, confundem-se numa só, e voam nos episodios do delirio até a sua unidade.

## V

Maria era mulher, e a mulher é fraca. Teve medo. A felicidade sobejava-lhe para que não receasse que lha quizessem toda.

— Ai, Alfredo, amo-te, mas quero-te fugir, dizia ella nos seus arrobos de amor; quero te aqui sempre, mas desejo que te afastes. Vae. Guardo-te aqui inteira a porção que te pertence. Provoco testemunho de Deus, e Deus sabe que sou tua só. Mas vae, quero que vás.

Erguera-se a lucta entre o coração e o mundo.

A mulher, fraca, não sabia querer com aquelle querer que não verga nem dobra, com aquelle querer que se não desvia, que se não afasta, quaesquer que sejam os obstaculos, com aquelle querer que não faz nem accêita condições.

Querer — é o impulso energico que o espirito nos communica, e que a vontade expressa; querer, é o desejo vehemente que a alma sente, quando o desejo a impelle; querer, é a expressão complexa dos nossos sentidos, a manifestação completa da nossa alma, o fim absoluto da nossa intelligencia.

Quando se quer, não se vacilla, não se foge e investe, não se foge e investe, não se recua e avança, não se retarda e apressa. Segue-se o caminho ençetado, sem paragens, sem desvios, sem indecisão. Sabe-se já donde se parte e para onde se vae. Querer é uma affecção congenital suscitada pelo espirito, revelada pelo desejo, manifestada pela acção.

Querer de outra forma é apenas sustentar a lucta impossivel entre a cabeça e o coração, entre o desejo que nos impelle e a reflexão que nos afasta, é marchar de passo incerto, vacillante, para um ponto que se vê e se não deseja ver, que se estima e não presa. É um continuo fluctuar de espirito, esvoaçar de de cjos, sem norte e sem rumo. Appetite vago e abstracto, que se não comprehende nem define. Perda de vontade sem vantagem apreciavel.

É uma nuvem que passa pelo pensamento, uma duvida que atravessa o espirito, uma incerteza que inunda o coração, e tudo isto sem causa, sem motivo, pelo menos possivel.

É uma lucta em que a alma se rasga e o coração se desfaz.

## VI

Alfredo comprehendeu aquelle immenso pelago, aquella oscilação de desejos, filho mais das necessidades externas do que da inspiração intima,

— E queres que eu vá, querida?

— Quero, mas não no desejo. Isto não é continuo querer e não querer; quiz, quero e quere-rei sempre; as minhas idéas são firmes, mas...

— Mas tens medo, Maria. Atravez do teu amor uma idéa sinistra te persegue e te vérga. Irei, já que o queres. Dêste-me amor de mais para que as penas que possa soffrer as pague. Irei. E na quietação da noite, a sós contigo, recolhido o espirito, naquelle socego de alma que se sente quando vivemos longe do mundo, vendo nelle um ponto só, querida, nessas horas de ineffavel

prazer, em que o pensamento nos recorda um nome e nos leva até elle, nessas horas lembra-te de mim, que só te quiz engrinaldar de flores a vida, e não fazer-te dores. Nessas horas, filha, chora, mas de prazer, amor. Queres que eu vá?

O coração de Maria retalhava-se-lhe de angustia: a negativa, impellida pelo desejo vehemente, fundo, afluava-lhe os labios, mas elles disseram só:

— Vae!

## VII

Alguns dias depois, o paquete levantava ancora, e corria sereno pela sua estrada de prata. Lá ia Alfredo, porque Alfredo—foi. Teve a coragem de ir, e a fraqueza de curvar-se ao capricho da mulher, que lhe retalhava a alma, deixando a sua em chaga.

Foi, e a saudade, esse doce pungir de acerbo espinho, que nos dilacera a alma e turtura o espirito, esse peso eterno que nos esmaga o coração e nos cerceia os dias, teceu para ambos a corôa do martyrio, que ambos foram os martyres da sociedade, que os não comprehendeu nem os quiz.

Tinha-os unido o coração, e o Oceano separou-os.

NORONHA.

## A TELEGRAPHIA TRANSATLANTICA

São passados apenas quatro seculos, depois que o audaz mareante de Genova, Christovão Colombo, aproou as suas caravellas ás ribas da America. Quem diria então que esse vasto continente, cuberto de florestas, rareado de habitantes, allumia-do apenas no centro pela enfermicea civilisação das Incas e Montezuma; quem diria que as solidões do norte, por cujos recessos sombrios vagueavam bandos de selvagens nus e sanguinarios, haviam de povoar-se de repente, e como que ao meneiar da varinha magica de uma fada omnipotente? Quem diria, que junto ao lago solitario, ou na plaga osculada pela onda do oceano, haviam de alevantar-se cidades e imporios, vastos armazens, amplissimos palacios, suberbas fabricas, recintos grandiosos, aonde o labutar humano se expande e recresce na sua lida infinita? Quem diria aos pobres indios que ainda hoje, nos desertos do oeste, vivem da caça e da pesca, que os seus wigams seriam derrubados pela foicé implacavel da civilisação, e que no logar dessas pobres choupanas, se ergueriam os templos do trabalho, grandes moldes de pedra e tijolo, serranias de marmore e granito, em cujas entranhas arqueira a machina de vapor, bate o camartelo automator, range a serra mechanica, e agitam-se em convulsões e spasmos creadores todos os instrumentos aperfeçoados, que attestam e mantem o poderio do homem sobre a natureza?

Quem diria ao selvagem, que essas florestas sombrias, povoadas de gigantes seculares, cujas ramas compactas mal deixavam coar-se um raio de sol, haviam de cair ao sopro da civilisação, como se um vulcão as impellisse, ou a vontade de Deus as derrubasse?

Quem lhes diria, que nas lagoas placidas e dormentes haviam de navegar uns navios alterosos, sem velas, mais ligeiros do que as canoas de cortiça, fumegantes, como se um demonio os em-

purrasse, lançando golphadas de agoa fervente e vapor, rompendo as aguas em catadupas, e deixando um longo rastro de espuma?

Quem diria que sobre o Niagara se havia de lançar uma ponte, em cujo tablado, o homem contemplaria, risonho e conscio das proprias forças, a cataracta ingente, esse esforço bruto e louco das aguas irritadas?

Quem lhe diria que a sciencia já lida no empenho de aproveitar essa enorme queda, formando ali um gigante fóco de industria humana, e congregando para junto do raivoso espadanar das aguas, as machinas pacificas do trabalho?

Quem lhe diria todos esses prodigios e assombros, ao pobre selvagem, ao iroquez, ao mohicano, a todas as tribus caçadoras, esmagadas pelo carro triumphal da civilisação, obceçadas pelos luzeiros do progresso?

Quem diria isto mesmo nos filhos de Penn, ou aos soldados de Woolf e de-Montcalm, ou ás milicias, quasi indisciplinadas, de Washington? E, contudo, tal é o poder da civilisação e da actividade humana, que estes milagres se estão dando todos os dias, e todos os dias a-juvenil America augmenta, cresce, braceja, cinge o mundo com os seus steamers e paquetes, lança as suas mercadorias em todos os mercados, abarca um grandissimo commercio e colossal industria.

Aonde pompeava a natureza com o seu silencio augusto e mystico, cruzam-se as vias ferreas e os fios do telegrapho, que prendem nas arvores que assistiram ás primeiras eclusões vegetativas, e, representantes acaso da fauna das primitivas epochas post-diluvianas, abrigaram synhedrios de indios, que regulavam as pazes, fumando o cachimbo de pez, ou se aprestavam para a matança, offerendo ao Manitú os topetes dos inimigos e os tomawacks ensanguentados!

Que mais esplendida mutação! Que transformação mais repentina e admirável!

É a civilisação não cança, nem pára. Caminha, caminha, como se a mão da fatalidade a esteja impulsando!

As epopéas antigas, aos trabalhos de Hercules, aos feitos de um homem, apregoados pelo mundo, succederam os gritos da sciencia impessoal e invencivel, que desbrava terrenos, esmaga resistencias, transpõe ou rasga montanhas, altèa valles, zomba das distancias, domá lagos e rios, atravessa oceanos, e, afinal, rainha omnipotente da terra, penetra os mais intimos mysterios do oceano, insinua-se pelos bancos de coral, lança um tenue e fragil fio ás profundezas marinhas, e liga, pela palavra instantanea a Europa á America, como a imprensa, a industria, o commercio, e o consorcio de todas as forças, já as tinham ligado pela mesma idéa!

Que maior epopéa do que esta! Ergam-se os vales antigos que applaudiam nos jogos olympicos e no circo, e clamem as suas heroas festivas.

Se o poeta e philosopho Seneca, que na tragedia Medea, levado pela tradicção confusa, de que falla Chateaubriand, disse:

Venient annis  
Secula seris, quibus oceanus  
Vincula rerum laxet, et ingens  
Patent tellus, Typhisque novos,  
Detegat orbis, nec sil terris  
Ultima Thule.

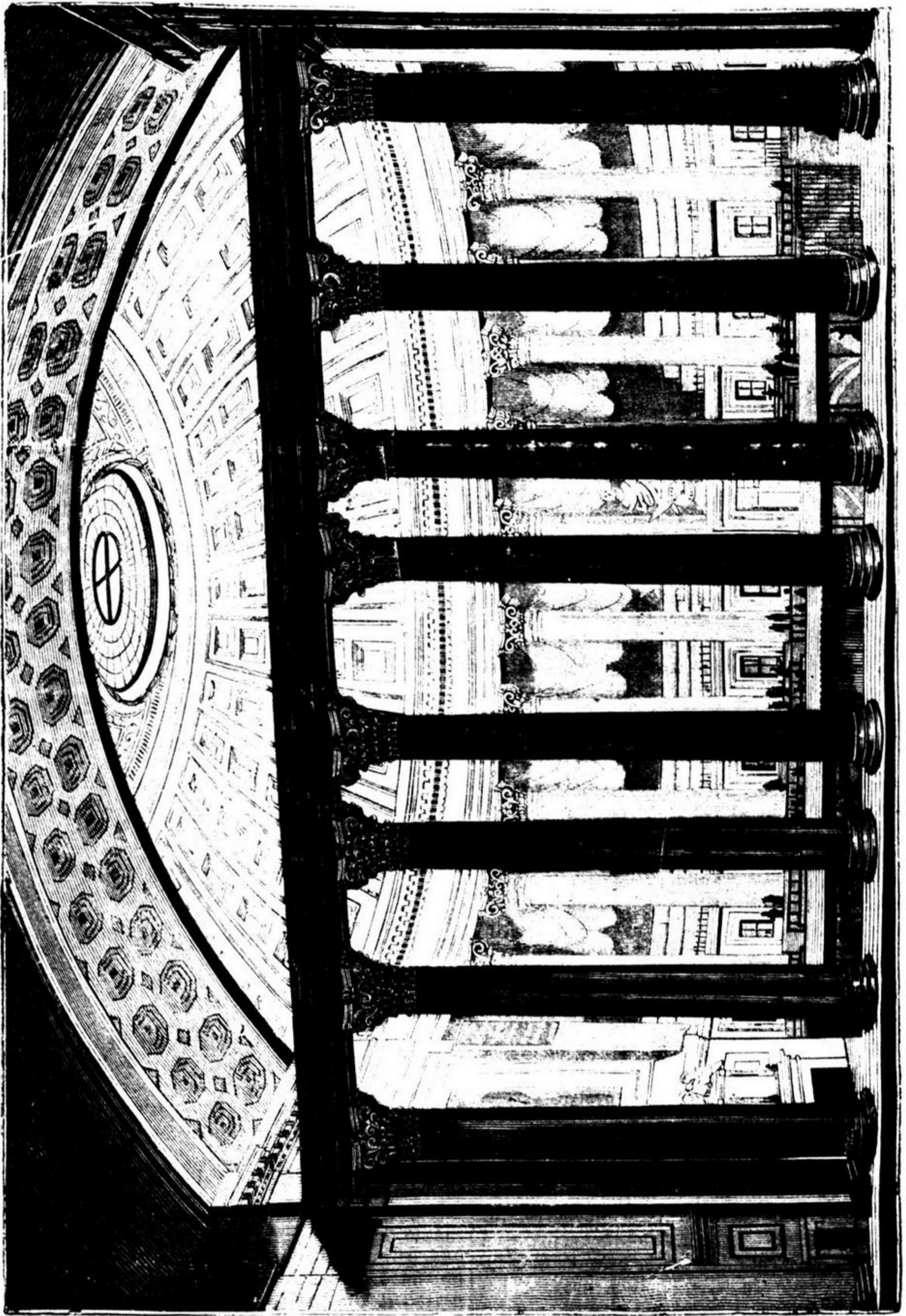
como não recuára espavorido ao ver a sua profecia mais do que justificada? Com que admiração não havia de contemplar a ultima Thule, vastissimo theatro da energia do homem!

Quando na Allemanha e na Italia troava o canhão e os povos absortos ouviam o grito selvagem dos combates; quando nos plainos ensanguentados se erguiam os clamores da victoria e os gemidos dos vencidos, e as paixões humanas embaciavam e empanavam o fulgor sacrosanto das conquistas pacificas; quando toda a Europa se armava e preparava as bayonetas, aperfeçoava os instrumentos de morte e destruição, esperando, encostada ás armas, o momento propicio para derramar sangue e voltar ás guerras epicas do principio do seculo; saia foz em fóra um navio immenso, monstro pacifico, dragão inermie, exemplo eloquente do genio do homem. Emquanto os exercitos tripudiavam sobre montões de cadaveres, o derradeiro porto occidental da Europa era todo festas e alegrias, e milhares de homens, entregues e devotados á nobre causa da humanidade, aclamavam outros homens, que se iam para uma grande empreza? Para onde vogava aquelle navio immenso? Porque saía empavezado, e cortava tão contente e galhardo as ondas e arrostava as torrentes do oceano septentrional? Qual a idéa de que era nuncio? Acaso iria derramar sangue, ou hastear a bandeira da guerra em praias inimigas? Não! Este navio era o *Great-Eastern*, o prodigio da industria nautica. A idea que o impellia era de paz. O dever que lhe incumbia, era a ligação de dois continentes. A bandeira que içava nos topos e mastareos, era a do consorcio dos dois mundos. As machinas que levava, não eram da destruição. Não tinha canhões nem espingardas, nem sabres de abordagem; tudo isso lhe faltava. E todavia, quem ousava insultal-o? Que esquadra o acomet'eria? Que nação o perseguira? Nenhuma, porque seria amaldiçoada. Porque esse navio representava a humanidade, e era o mensageiro della; porque esse navio levava o novo fio de Ariadne, o fio conductor, o fio que transmite e aloja a electricidade, esse fluido incomprehensivel, que permite ao pensamento abraçar o mundo em um instante.

Hoje que esta epopéa da sciencia chegou a termo feliz; hoje que uma nação indomita, opulenta e livre, a velha Inglaterra, cumprio a sua promessa; hoje que mais um prodigio enriqueceu o peculio da humanidade, digamos succinta e perfunctoriamente o modo porque se obteve este resultado grandioso, que marca novo estadio na vida das nações, e assignala outro, e ainda ha pouco inesperado progresso.

(Continua)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.



A camera dos representantes dos Estados- Unidos

Washington, capital dos Estados-Unidos, na qual está a camara dos representantes, que a presente estampa reproduz, foi edificada em 1792, em honra de Jorge Washington, fundador da republica dos Estados-Unidos, e um dos vultos mais nobres e respeitaveis que a historia offerece nos seus annos.

Daquella cidade, grande e admiravelmente regular, o edificio mais notavel é o Capitolio, onde celebra o Congresso da União as suas sessões, dividido em duas camaras, o senado, e a camara dos representantes. É precisamente desta ultima que a nossa estampa nos dá a perspectiva do interior.

O Capitolio, situado no centro da cidade sobre uma colina, é, no seu todo, um monumento magnifico. O frontispicio, ornado de um portico sustentado em columnas da ordem corinthia tem 352 pés de comprimento. Ha tres zimbórios; sendo o do centro muito elevado, e dando um grande realce ao edificio.—A camara do senado é elegante; mas a dos representantes é grandemente magestosa. Tem a fórma semicircular, e recebe a luz dum zimbório, sustentado por vinte e seis columnas, sendo os intervallos ornados de bambinellas de damasco carmezim. No meio do semicirculo está a cadeira do presidente; na mesma linha estão as dos secretarios, e a uma certa distancia veem-se os assentos dos representantes, dispostos em semicirculo, tendo em frente de cada cadeira uma estanté com gaveta para os papeis.

O Capitolio foi incendiado pelos inglezes, na guerra que tiveram com os Estados-Unidos em 1812; mas foi restaurado em 1815.—Um viajante, que no anno de 1863 percorria os Estados-Unidos, falla, com enthusiasmo, do bello effeito que produz a copula do Capitolio, vista ao primeiro raiar do sol. «Da minha janella, que dá para o nascente, empolirado no meu sexto andar, vejo erguer-se no horisonte a magestosa cupola do Capitolio, elevando-se sobre o pedestal que lhe acrescenta a grandeza, e como que afogada na neblina á maneira de montanha longinqua. Esta manhã, o aspecto solitario e dominador da cupola era soberbo na purpura da roxa aurora.»

Muito é o que se tem dito das desordenadas scenas da camara dos representantes dos Estados-Unidos. Atendo-me, neste particular, ao que diz o viajante, a quem alludi, M. Ernest Duvergier de Hauranne. A eloquencia do senado pareceu-lhe semelhante a uma conversação, entremeiada de algumas disputas agri-doces: os bancos vãos, as tribunas pouco povoadas, o presidente meio adormecido no seu assento... tudo ali convida ao repouso e á expedição pacifica dos negocios. — A camara dos representantes, porem, é um mar tumultuoso, rodeado de tribunas immensas, cheias de gente. O numero dos representantes é diminuto em comparação do parlamento inglez; mas cada um dos representantes faz bulha por quatro. O murmurio das vozes, o estrondo dos passos, os grupos que se reúnem aos cantos, as palmadas

soando a todo o instante para chamar os continuos... tudo ali respira a indisciplina, a insubordinação e a irreverencia. Poucos oradores conseguem mais de cinco minutos de attenção; as discussões vão seguindo tumultuosamente em uma extremidade da sala, em quanto que na outra ninguém as escuta.

Apesar desta desordem, que parece ser a regra geral, encontram-se ali optimos oradores, que captivam a attenção; e quando se trata de serios debates... ha sim animação um tanto demasiada, e grande irritação; mas por fim vence e triumpho o bom juizo. A liberdade deixa por vezes commetter alguns desvios; mas tambem encontra em si mesma o remedio do mal, e chega a cicatrizar muitas feridas.

### A «IMAGEM DA VIDA CHRISTAM» DE FR. HEITOR PINTO

#### Estudo litterario

.....e os dois, que brilhão,  
Quaes estrellas Tyndarides fulgentes,  
HEITOR e Arraes de erudição fecunda,  
Que nos dão c'oa palavra amena e grave  
O sabor da verdade e da virtude.  
ELPINO DURIENSE.

Fr. Heitor Pinto, monge de S. Jeronimo, é o author do bellissimo livro intitulado: *Imagem da Vida Christam, ordenada per dialogos como membros de sua composiçam.*

Caracterisámos de bellissimo o livro; e para justificarmos desde já uma tão lisongeira apreciação, sem quebra, aliás, de alguns reparos que havemos de fazer, basta recordar o juizo que, acerca do mesmo livro, com o mais fino criterio, assentou o auctorizado critico Francisco Dias Gomes, quando pretendeu encarecer a capacidade da lingua portugueza para tratar todos os assumptos:—«Querem ver uma verdadeira imagem da eloquencia dos Dialogos do divino Platon, e do eloquentissimo Cicero, leiam os de Fr. Heitor Pinto. Alem da mais pura, e santa moral christã, que constituem o fundo especial dos ditos Dialogos, nelles admirará quem os ler em grão superior todas as graças de estilo o mais puro e correcto.» — (1)

— Digamos duas palavras a respeito do author.

Depois de ter cursado os estudos em Portugal, passou Fr. Heitor Pinto á Universidade de Si-guenza, na qual frequentou as escolas superiores, e se doutorou em theologia.

A sua Ordem o elegeu reitor do Collegio de Coimbra em 1565, e provincial de Portugal em 1571. Foi contado no numero dos doutores da Universidade de Coimbra, na qual regeu a cadeira de escriptura — creada por el-rei D. Sebastião.

El-rei D. Filippe II, sob pretexto de o consultar em negocios graves, o levou comsigo para Castella, quando veio a Portugal receber o juramento de fidelidade dos portuguezes; mas o verdadeiro motivo do procedimento do rei castelhano, foi o de arredar de Portugal um homem importante, que professava sentimentos de patriotismo e amor de nacionalidade, e era adverso á oppressão estrangeira Alludindo a isto, dizia Fr. Heitor Pinto muito significativamente: *El-Rei Filippe bem me poderá meter em Castella, mas Castel-*

(1) *Obras Poeticas* — Nota á Ode 2.ª, pag. 291.

la em mim é impossivel.—Foi recluso no mosteiro de Sisle, fóra dos muros de Toledo, e ali falleceu em 1584 (1587?), não sem suspeitas de lhe haverem propinado venenó.—É muito curioso, pelo expressivo e um tanto desdenhoso laconismo, o epitaphio que mandaram pôr na sua campa: *Hic jacet Hector ille Lusitanus.* (2)

Grangeou Fr. Heitor Pinto grandes creditos de muito versado na Escriptura e nas linguas orientaes.

Um critico moderno, que muito attentamente averiguou a historia da lingua e litteratura hebraica em Portugal até quasi aos fins do seculo XVIII, encontrou multiplicadas e convincentes provas de que era Fr. Heitor Pinto, não só versado, mas eminente nas linguas orientaes. (3)

— Digamos agora alguma cousa da «Imagem da Vida Christam.»

De bom grado perfilho este dizer do editor da obra no anno de 1843:—Tão grande he o merecimento da Obra pela pureza de linguagem, propriedade de estylo, sua muita doutrina, e erudição, que seria curto todo o louvor, que se lhe quizesse dar. — (4)

Nem Bouterwek, nem Sismondi, mencionaram o nome sequer de Fr. Heitor Pinto. O sr. Ferdinand Denis, porem, falla, com o devido louvor, da «Imagem da Vida Christam», exprimindo-se nos seguintes termos:—Frey Heitor Pinto compoz dialogos, celebres tambem pelas graças do estylo e pelos principios amenos da moral pura. A religião o foi guiando sempre; mas teve arte de arredar dos seus principios philosophicos as fórmas pedantescas, que parecia haverem-lhe sido inculcadas. — (5)

— Vejamos se uma breve serie de excerptos, que vamos apresentar, poderá justificar as lisongeiras apreciações já apontadas.

Pretende Heitor Pinto demonstrar a velocidade e inconstancia da vida humana, e para esse fim recorre ás sagradas paginas, aos santos padres e aos philosophos da antiguidade.—Arredando citações muito extensas, restringir-me hei a fazer notar a perspicuidade, a elegancia e a precisão com que o author traslada para portuguez as ponderações de Santo Agostinho:

— «Todo o tempo que se vive, se tira do espaço da vida, e cada vez fica menos o que mais fica: de maneyra que nenhuma outra cousa he o tempo da vida, que humia carreya pera a morte, na qual se não permite a ninguem estar nem deter-se, se nam correr igualmente, que tam depressa corre o que vive cincoenta annos, como o que vive nam mais que hum. O que mais vive nam anda mais de vagar, mas anda mais caminho.»—

Por occasião de querer mostrar as excellencias da vida solitaria vai o author buscar o testemunho do rei propheta; e é realmente admiravel a energia e graça com que traduz alguns versiculos do Psalmo 54.º:

— «... *Quis dabit mihi pennas sicut columbæ, et*

(2) Veja — *Estudos Biographicos de Barbosa Canaes: o Dictionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva, tomo 3.º, pag. 175 e 176; e o *Prologo* da edição da *Imagem da Vida Christam* do anno de 1843.

(3) *Fr. Fortunato de S. Boaventura. Memoria sobre o começo, progressos, e decadencia da litteratura hebraica entre os portuguezes catholicos romanos desde a fundação deste reino até ao reinado de El-Rei D. José I.*

(4) O editor foi o habil bibliophilo, o Dr. Rego Abranches, como assevera o sr. Innocencio.

(5) *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal.* Paris. 1826. pag. 244.

*volabo et requiescam.* Como se dissesse: Ah! quem me dará asas da ligeyra pomba pera voar ao deserto, e ver-me separado do mundo, e descansar sequer hum pouco na vida solitaria!... *Ecce elongavi fugiens, et mansi in solitudine.* Eys-me aqui que me allonguey, e fugi do mundo e de mim mesmo, e quando olhey por mim, achey-me com o pensamento n'ua solidão accepta a minhas contemplações» —

Deixemol-o agora espriar-se na bellissima pintura dos enganos, perigos e contratempos da vida:

— «Pera que he viver em tanta confusam? De que serve servir a cousa tam enganosa? Que mar ha no mundo, que estreito, que Euripo, que bancos de Frandes, que golfão de Lião, que cabo de boa esperanza, que tenha tam varias on las, tam duvidosas mudanças, tam bravos movimentos, tam desfeytas tormentas, tam perigosas tempestades como o mundo? Se fugimos do mar tempestuoso pera o porto seguro, se fugimos da não que faz agoa e vay pera se perder, se fugimos do edificio que faz abalo e está pera cayr, porque nam fugimos do mundo que nos quer confundir, pois nos está ameaçando com a fim, per cima de nos estar enganando com suas lisongeyras esperanças, poys conhecemos seus males, poys vemos estar sobre nós pendurada per hum fio nossa perdiçam, poys sabemos que antre o peccado mortal e o inferno nam se mete mays que huma fraca tayspada de nossa caduca e miseravel vida? —

— Ainda quando Heitor Pinto não pôde evitar uma certa affectação no pensamento, é suave e musical a sua linguagem:

— «Ignorantes de nós, que queremos cantar o cantico do Senhor em terra albêa, nesta enganosa Babylonia, e assentados ao longo de seus rios nam fazemos outros de nossas lagrimas com a soydosa memoria da spiritual Jerusalem.»—

Nesta passagem está elegantemente paraphraseado o sublime: *Super flumina Babylonis illic sedimus et flevimus*; mas ha affectação, um resaibo de gongorismo, em dizer: *co longo de seus rios nam fazemos outros de nossas lagrimas.*

— Por excepção deixa ás vezes de ser harmoniosa a phrase de Heitor Pinto, pelo demasiado emprego de pronomes, ou possessivos, ou relativos; como, por exemplo, nas seguintes proposições:

— «Isto dizia *elle* pola experiência, *que* tinha do fructo e espiritual consolaçam, *que* sentira no tempo, *que elle* andára só pelos desertos da Palestina.» —

— «... a fama, ainda que seja cousa exterior, e de pouca valia em comparação dos bens d'alma, todavia *ella he* hum gentil cobertura, e orna e aformosenta a virtude, e *he nella* como um rico esmalte no fino ouro.» —

Mas ainda nestes e n'outros exemplos... que belleza de linguagem! que propriedade de expressão!

A este ultimo proposito, devo citar um formoso exemplo:

Se os annos *passam*, se os dias *róam*, se as horas *fogem*, se os momentos *desapparecem*, se depois de passados nam fica nada delles, como posso eu *ter*, nem outra pessoa alguma o que *hi não ha*?

— Elogiámos acima a graça e energia, com que o nosso classico traslada para portuguez algumas phrases latinas. É, porem, dever da cri-

tica apontar um ou outro exemplo que, neste particular desmereça gabos.

Querendo Heitor Pinto assignalar as vantagens e o alto preço da vida solitaria, lembra-se de ir buscar authoridades entre os gentios, como para reforçar a opinião dos philosophos christãos. Entre outros, falla tambem do muito illustre cidadão atheniense Pericles, que a historia nos apresenta como tendo sido um grande capitão, um habil politico, e um excellente orador.

Neste particular, tece Heitor Pinto um elogio magnifico, dizendo: — «Foy este varão em sciencia docto, em pratica discreto, em conselho sabio, em conversação festivo, nas armas destre, nos perigos esforçado, e finalmente na prosperidade era humano, e na adversidade sofrido.» —

*Magnifico elogio*, dissemos; mas cumpre observar, que este modo de apreciação de um vulto historico está muito longe de pintar adequadamente um dos homens mais insignes da anguidade. O estudado laconismo da phrase que, aliás, parece compendiar em poucas palavras as qualidades e merecimentos de um personagem, nada exprimem de especial, de caracteristico. Quem reconhecerá naquelle desenho o cidadão de Athenas que, por espaço de quasi quarenta annos, foi, se assim póde dizer-se, o monarcha omnipotente de uma republica, e reunio na sua pessoa os dotes de grande capitão, de habil administrador, de consumado politico, e os de orador excellente? Onde está o intelligente protector das bellas artes, que povoou Athenas de soberbos edificios, de vastos porticos, de bellissimas estatuas?

Deixando, porem, este incidente, vamos ao ponto especial que pretendemos tocar.

Heitor Pinto diz que Pericles, desenganado da inconstancia da vida, determinou desprezar o mundo. Renunciou á governação de Athenas, e «fugindo aos trabalhos e inquietações se veio meter na sua quintam solitaria, onde poz um letreiro á porta, que dizia: *Inveni portum: spes et fortuna valet.*»

É sobre a traducção deste muito simples letreiro, que eu chamo a attenção dos leitores. Escreve Heitor Pinto: — «Como se dissera: Atéqui andey engolfado nas perigosas ondas dos negocios do mundo, como navio que andando sem leme batido dos ventos, perdido polo mar, quebrado o masto, e rotas as velas, sem se aproveitar d'agulha, nem da carta de marear, mas correndo sua fortuna, sem poder entrar pola barra: Agora achei porto e repouso na vida solitaria, ivos em boa hora esperanza e fortuna, que não quero de vós nada. Atéqui me trouxestes enganado prometendome de me ter impinado no cume da inconstante roda, que me vós fazieis parecer constante, agora podeys enganar a outros, que a mim já me nam enganareis.» —

Digam os leitores se isto é uma traducção do *Inveni portum; spes et fortuna valet!* — O estirado desenvolvimento, em que entra Fr. Heitor Pinto, é antes uma dissertação, que só lemos com paciencia porque nos vae atraindo a suavidade da linguagem.

— Ainda nos falta apontar bellezas, e alguns — poucos — defeitos da «Imagem da Vida Christam»: o que faremos no artigo immediato.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

O amor é como a flor: tem só uma estação.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

**Mappas gerais do Commercio de Portugal com as suas possessões ultramarinas e as nações estrangeiras durante o anno civil de 1865. Organizados na secção de estatística da direcção geral das alfandegas e contribuições indirectas.** Lisboa. Impr. Nacional 1865. —

Etymologias ha, menos naturaes, que revelam um grande esforço, ou, como dizem os francezes, *un tour de force*, da parte de quem as fórma, ou da parte de quem as sustenta; ao passo que outras se apresentam facéis, de todo ponto racionais, e satisfazem desde logo o espirito. Nesta ultima classe esta a etymologia da palavra — *Commercio* —, qual é a de: *Commutatio mercium*, commutação, troca de mercadorias.

Se é agradável entretenimento adquirir noticia das mercadorias que os diversos povos trocam entre si, muito mais intenso é o prazer do patriotismo, quando em especial cada um de nós percorre a estatística das permutações, das trocas de mercadorias que o nosso paiz celebrou com as outras nações.

Os *Mappas* que ora nos occupam, dariam margem a innumeras e muito interessantes considerações; e lastima é que a natureza de uma noticia bibliographica não consinta que a ellas d'escamos.

Encerrando-nos nos limites do nosso encargo, vamos ao menos despertar a curiosidade dos leitores para o exame de um documento precioso, que nos habilita para conhecermos um dos principaes elementos da vida social.

Nestes *Mappas* encontramos a indicação, *por alfandegas*, do numero de *embarcações de vela*, e de *bárcoz movidos por vapor* nacionaes ou estrangeiros, que entraram nos nossos portos (continente, ilhas adjacentes, e possessões ultramarinas), ou d'elles sahiram com — destinos diversos — no anno de 1865.

Encontramos igualmente, *(por classes da pauta)* a indicação dos valores e direitos das mercadorias procedentes dos paizes estrangeiros e despachadas para consumo, — bem como das mercadorias que exportamos para os me-mos paizes: o mesmo em quanto as possessões ultramarinas portuguezas.

Mercadorias houve, porem, das quaes *nao foi conhecida a procedencia*, e que foram despachadas para consumo; outras que foram despachadas para *gastos das embarcações*; outras foram *reexportadas*: de tudo, por classes da pauta, se indica os valores e os direitos.

Encontra-se tambem a indicação das mercadorias que por quaesquer concessões especiaes, foram entregues *livres de direitos*, como para a corpo diplomatico, para o palacio do Cristal, para os caminhos de ferro de Portugal; e para differentes applicações.

Ha tambem uma especialidade, a respeito da qual se encontram noticias nos *Mappas*; e vem a ser, sobre as quantidades, valores e direitos das mercadorias despachadas *por transitto e por baldeação*.

Os paizes estrangeiros, com os quaes commerciamos no anno de 1865 são os seguintes, na ordem alphabetica: Austria, Belgica, Brazil, Bremen, Dinamarca, Estados Pontificios, Estados Unidos, Franca, Gran-Bretanha, Grecia, Haiti, Hamburgo, Hespanha, Hollandá, Italia, Marrocos, Mexico, Prussia; Republicas — Argentina, do Chily, do Uruguai; Russia, Suecia, Noruega e Turquia.

Na ordem da importação e exportação, figuram assim os paizes estrangeiros com quem commerciamos:

### NUMES E VALORES DAS MERCADORIAS

	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO
Inglaterra.....	12.258:980\$500.....	13.404:112\$500
França.....	3.785:033\$500.....	747:220\$000
Brazil.....	3.018:322\$600.....	2.690:674\$500
Hespanha.....	2.010:013\$800.....	1.188:188\$100
	etc.	

Pelos *Mappas* póde apreciar-se o incremento que tem tido a industria agricola e fabric portugueza, pois que vem discriminada a importação da exportação.

É curioso conhecer qual foi o commercio do continente e ilhas com as nossas possessões ultramarinas; e para satisfazer essa curiosidade tambem encontramos *mappas especiaes de importação e exportação*.

Não encontrarão os leitores neste interessante Repositorio *mappas comparativos por séries de annos*, como foi estilo apresentar nas estatísticas anteriores, — por ser differente a divisão ou ordem da pauta actual.

Este rapido esboço faz desejar o exame attento dos diversos *mappas*, e maiormente com referencia ás miudezas de cada uma das classes da pauta, — que aqui fóra impossivel mencionar.

As estatísticas commerciaes são do maior interesse; e principalmente o são os *Mappas* de que ora damos noticia, — visto como são elles um trabalho bem concebido e executado. Tal é a razão por que julgamos indispensavel apresentar aos leitores deste semanario esta noticia bibliographica.

Lisboa, 29 de Maio de 1867.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

### ERRATA

Na pag. 224, col. 2.<sup>a</sup> do n.º 28, na secção bibliographica, lin. 5.<sup>a</sup> onde se lê — facilidade — leia-se felicidade.